

O quadro A Transfiguração de Rafaello Sanzio da Urbino: uma leitura abelliana¹

JOSÉ GUILHERME ABREU



Fig. 1- Raymond Abellio, Conferência de Lisboa, B.N., 1977

Avec son mouvement ascendant et son mouvement descendant, perpétuellement associés, la *dialectique de la double contradiction* conduit à distinguer deux esthétiques. Et cela d'ailleurs de la même façon qu'il existe deux éthiques, une morale de simple convenance sociale, d'une part, et, de l'autre, une éthique proprement dite, qu'on peut aussi qualifier de transcendante. L'esthétique d'en bas, [...] est une esthétique de la fascination. L'autre, d'en haut, [...] est une esthétique de la transfiguration ou de la communion tend, à la limite, à la « *perception sans formes* » et à « *l'art sans art* » du budéisme zen.

Fondements d'esthétique, Raymond Abellio, 1979

Resumo

Escrito inicialmente em língua francesa para uma conferência pronunciada no II Rencontre de Seix (2005), o texto que agora traduzimos e adaptamos apresenta uma leitura do famoso quadro de Rafael Sanzio A Transfiguração (1516-1520) – Museu do Vaticano, Roma – tomando como ponto de partida o método de análise teorizado por Raymond Abellio (1907-1986), na sua obra capital “La Structure Absolue” (1965).

Iniciando-se por uma reflexão sobre a dialéctica da Comunhão e a da Fascinação em Raymond Abellio, o presente texto visa operacionalizar uma metodologia de análise que julgamos ter utilidade para a elaboração de estudos em História da Arte.

¹ Este texto é uma adaptação da conferência « *Les Enjeux de la Communion et de la Fascination, et l'Avènement du Je Transcendantal, chez Abellio* », proferida no II^{ème} Rencontre de Seix, *Raison : crise et résolution*, que se realizou entre 19 e 21 de Maio de 2005, em Seix, França, não se encontrando publicado, ainda, o texto original.

Abstract

Formerly written in French as the paper for a Conference held at the II Rencontre de Seix (2005), the text we now translate intends to display a reading of the famous Raphael Sanzio's picture *The Transfiguration* (1516-1520) – Vatican's Museum, Rome – based on Raymond Abellio's analytic methodology, presented in "La Structure Absolue" (1965).

Starting by an explanation on the dialectics between the logic of Communion and Fascination in Raymond Abellio's theory, this text's scope is to display an analytical methodology we believe might be useful to conduct applications in Art History studies.

Nesta passagem retirada do texto que Raymond Abellio publicou no *Cahier de L'Herne* que lhe foi consagrado², nós encontramos o esboço central da axiologia abelliana: uma estruturação que, no domínio da estética, se concebe a partir de uma oposição fundamental: a oposição entre a lógica da *fascinação* e a da *comunhão*.

Segundo o pensamento do autor, aqueles aspectos não podem compreender-se separadamente, não se esgotando, nem elucidando, por meio de induções de circunstância histórica ou social que possam ser-lhe atribuídas, mas esclarecendo-se, antes, um por oposição ao outro, pela análise do funcionamento que ambos desencadeiam, no contexto daquilo que desde Edmund Husserl (1859-1938) se designa por *campo transcendental*, pois é na base da fenomenologia husserliana que o pensamento de Raymond Abellio se constitui, desenvolvendo a sua vertente dinâmica, isto é, sistematizando-se como *fenomenologia genética*.³

Para compreender o movimento dos fenómenos da consciência, Abellio analisa-os a partir das noções, ou melhor dizendo, dos processos, de fascinação e de comunhão, tal como os mesmos intervêm em determinado estado de consciência.

De imediato, o que importa observar é que, para Raymond Abellio, *fascinação* e *comunhão* não são noções ou valores opostos que se confrontam no interior de uma mesma lógica, mas contrariamente, aquilo que melhor os distingue é, justamente, a inversão do processo de funcionamento lógico e intencional, de um em relação ao outro, não se distinguindo por conteúdos ou atributos de natureza inversa, mas antes opondo-se, por ambos se manifestarem no *campo transcendental* segundo uma lógica inversa, um em relação ao outro.

² *Cahiers de L'Herne*, nº 36, Éditions de l'Herne, Paris, 1979

³ Aspecto anunciado por Husserl no ciclo de quatro Conferências que proferiu, em Paris, na Sorbonne, nos dias 23 e 25 de Fevereiro de 1929, e que viriam a ser publicadas no livro "*Méditations Cartésiennes. Introduction à la Phénoménologie*" (1ª edição, 1931). Concretamente, é no § 32 e 33 que esta questão é sumariamente tratada, explicitando-se na seguinte passagem: « *avec la doctrine du Je comme pôle de ses actes et comme substrat des habitudes, nous avons déjà abordé, et sur un point significatif, la problématique de la genèse phénoménologique, et, ainsi, atteint le niveau de la phénoménologie génétique* ». Será, portanto, no prolongamento do estudo dos problemas da génese e do devir (da consciência transcendental) que Abellio fundará uma nova teoria fenomenológica.

Por outras palavras, a lógica da *fascinação* e da *comunhão* são distintas, e mesmo opostas, não porque possuam uma “natureza” diferente *de per se*, mas porque activam diferentes dinâmicas de funcionamento transcendental, bem como diferentes níveis e qualidades de preenchimento intencional.

É por isso, que toda a entidade que suscita o campo transcendental é passível de se desenvolver num sentido fascinante ou comunal, em função da perspectiva consciencial que a visa, pois, tomando como exemplo o par « beleza – transfiguração », como explica Abellio, « *se a essência da beleza se manifesta pela distância e a da transfiguração pela sua supressão, existem aí dois movimentos inversos, um em direcção ao exterior, o outro em direcção ao interior, mas enquanto que no interior se chega forçosamente a um estado de comunhão ou mesmo de fusão unitiva, no caso da beleza apresentada a partir de fora, a situação é completamente diferente, porque esta não é recebida por todos os entes da mesma maneira: segundo a qualidade da sua relação com o Ser, uns serão em estado de comunhão, senão mesmo de fusão, outros em estado de fascinação* »⁴, o que serve para demonstrar que, no fim, o problema se coloca, invariavelmente, no campo transcendental.

Para precisar uma primeira distinção, o autor afirma que a consciência se encontra em *estado de fascinação*, quando é atraída por aquilo que lhe é exterior, e se deixa arrastar pelo movimento do mundo, alienando-se de si mesma. A esse título, Abellio fala de vertigem e de *ek-stase*. Inversamente, a consciência descobre-se em *estado de comunhão*, quando se volta para si mesma e é conduzida pelo seu próprio olhar, constituindo no seu próprio seio o movimento do mundo. A esse título, Abellio fala de integração e de *enstase*.

Na magnífica descrição que o autor nos dá, na SA⁵, do episódio da « *Queda na Montanha* »^A, pode-se descobrir a passagem de um estado de « *coisa fascinada pelo vazio* » para um estado no qual o sujeito « *possui comunalmente esse modo do mundo* ».

Existe, assim, uma hierarquia. Abellio fala explicitamente de uma ordem de “baixo”, que relaciona com a estética da fascinação, e duma ordem do “alto” que relaciona com a da comunhão. Mas se é certo que esta hierarquia exprime uma relação hierárquica do inferior em relação ao superior, não é menos verdade que a mesma reflecte mais uma axiologia funcional, ou antes intencional, que uma axiologia topológica ou conceptual, visto a primeira não ser inferior à segunda senão porque aquela se apega à « *proliferação de signos desconexos* », o que significa que mesmo que esses signos fossem sublimes, ao multiplicarem-se de forma desconexa, eles permaneceriam signos conotados com o hemisfério inferior.

Neste sentido, os factores de fascinação e de comunhão solicitam a partir de uma lógica contrária o campo da consciência, e abrem uma crise no seio da consciência transcendental.

⁴ ABELLIO, Raymond, *Manifeste de la Nouvelle Gnose*, Gallimard, 1987, Paris, p. 111

⁵ ABELLIO, Raymond, *La Structure Absolue. Un Essai de Phénoménologie Génétique*, Gallimard, Paris, 1965, pp. 143-150

Regressemos, pois, a Abellio :

Le problème de la conscience est de transformer perpétuellement les facteurs de fascination en facteurs de transfiguration (ou de communion), mais cette tâche est sans fin, car la multiplication des signes est indéfinie et celle de leur (organisation) est indéfiniment infinie.⁶

Eis o cerne da dupla transcendência! O hemisfério de baixo detém a sua própria transcendência. Uma transcendência que se manifesta não pela escalada de um sentido unificador, como no hemisfério do alto, mas pela indução de uma tendência diferenciadora, que provoca a disseminação repetitiva das aparências.

O principal no entanto não é ainda isso. O principal é que a consciência possui e desempenha uma tarefa, e que essa tarefa é (ou deveria ser) transfiguradora: transformar os factores de fascinação em factores de comunhão.

Essa tarefa, mesmo se se admitir que é uma tarefa sem fim, é necessário reconhecer também que é uma tarefa iniciática, e que por ela, e somente por ela, toda a consciência logra a constituir-se como consciência ciente do que lhe é próprio, ou seja, enquanto conhecimento *para-si*.

E o que lhe é próprio, não é o desdobramento de si por si – *a existência* – pela mediação do ego individual e não comunicável que assiste a cada ente humano, mas pela emergência – *o advento* – no interior desse eu pessoal, do Ego Transcendental: o sujeito puro que não é nem pulsional, nem temporal, nem celestial, mas que torna possível, e que abre o sentido gnoseológico do conhecimento que constitui, simultaneamente, os três planos, na unidade indizível do *ser-causa-de-si*, espécie de *Filho do Homem*, perpetuamente emergente.

E é esta passagem que nos apresenta, perante nós mesmos, a « *alquimia* » da *transfiguração*.

Vejamos o que diz Abellio tomando como analogia o problema do espaço :

A axiomatização é a visão do espaço na sua essência do alto. A geometria do paralelepípedo, é a visão do espaço na constelação particular das suas essências de baixo. A constatação capital é então a seguinte: são as últimas essências de baixo (ponto, recta, plano) que servem de suporte ao mesmo tempo semântico e semiótico à essência do alto. [...]

Este curto-circuito entre essências do *alto* e essências de baixo torna inútil e « des-realisa » os objectos intermediários (aqui, por exemplo, a caixa e o livro que deram conjuntamente a ideia do paralelepípedo). É, em sentido restrito, um acto de transfiguração. O mundo (aqui o do espaço) encontra-se transfigurado pelo sujeito que percebe (aqui, a consciência do axiomático). O livro e a caixa são transformados nessa visão em « corpo glorioso », quer dizer, em suporte de conhecimento.⁷

⁶ ABELLIO, Raymond, *Manifeste* ..., p. 111.

⁷ ABELLIO, Raymond, *Fondements d'esthétique*, In, LOMBARD, Jean-Pierre, (dir.) Cahier de l'Herne, n° 36, Éditions de l'Herne, Paris, 1979, p. 150

Tocamos aqui um dos aspectos mais valiosos do pensamento abelliano: a transmissão de uma visão do mundo plena de sentido. Pode mesmo dizer-se que, em Abellio, não existe outra coisa senão o sentido, pois apesar do hemisfério de baixo ser dominado pela desorganização que o caracteriza, resultante da « ordem » do irreligado que é a sua, no fim, este apela à axiomatização do mundo, e fornece o material de base ao processo de estruturação, que torna o mundo das coisas e dos aspectos irreligados, um cosmos organizado e polarizado pelas quatro principais direcções do espaço, pelos seus sistemas de coordenadas, pelos seus fusos horários, e inclusive pela divisão do território nas “células” que tornam possíveis as telecomunicações portáteis, o GPS, etc., constituindo estes os signos da transfiguração técnica e tecnológica prometida, e re(-)querida, pela modernidade.

É por isso que em Abellio, não há lugar para a angústia que contamina, sem perdão, a consciência e a existência humana, sempre que essa consciência se fecha à prossecução da sua própria finalidade de se intensificar a si mesma, pela realização da sua tarefa fundamental: a de potenciar a emergência perpétua do Ego Transcendental (o *Je*, em Abellio), pela celebração das “Núpcias Comuniais” com a ideia de um sentido absoluto.

Para que tal possa acontecer, não basta acreditar na sua possibilidade. É necessário também apelar a uma exigente disciplina e rigor racionalizante.

A lógica da dupla contradição cruzada exige, portanto, um grande esforço analítico: um trabalho que se apresenta tanto mais árduo, quanto ele supõe, ao mesmo tempo, o exercício da análise intencional e a consagração à busca gnóstica.

E é aqui, que afloramos o tema do presente Encontro: *Razão – Crise e Resolução*, porque o curto-circuito de que fala Abellio entre as essências do alto e as essências de baixo que antecede a transfiguração, hoje apresenta-se como uma espécie de *vortex* consciencial a uma escala cósmica, quer em modo de extensão quer em modo de intensidade.

E esse *vortex* transcendental que resulta do curto-circuito entre os hemisférios opostos, manifesta-se e exprime-se, no tempo, pela universalidade da sua abrangência e pela verdade da sua profundidade, de forma particularmente adequada, através da arte.

Por isso, o quadro “*A Transfiguração*” de Rafaello Sanzio (1483-1520) que nos apresenta a figura de Jesus a irradiar uma luz resplandecente, suspenso entra a Terra e o Céu, interpreta de forma fidedigna a descrição bíblica⁸ do episódio em que o Mestre sobe ao Monte Tabor, e então revela aos Apóstolos a sua natureza divina.²

⁸ Novo Testamento, *Evangelho de S. Marcos*, Capítulo IX 1-29. Texto da versão brasileira em *Notas de Fim*, B

Analisado por Raymond Abellio⁹, este quadro estrutura-se a partir de dois pólos fundamentais – *Jesus* que polariza o plano superior, e a *Mulher* que polariza o inferior – ambos colocados no ponto mais alto e no mais baixo da cena, e ligados através de um plano intermédio que é o do Monte Tabor e dos três apóstolos Pedro, João e Tiago, que protegem os olhos, da potente luz própria que irradia da figura de Jesus.



Fig. 2- Rafael, *A Transfiguração*, 1516-20, óleo e têmpera s/madeira, 410 x 279 m, Museu do Vaticano, Roma, Inv. 40333

de luz própria (estrelar) – a visão gnóstica – do mesmo modo, o quadro representa a *imagem* da devoção, revelada por intermédio da luz indirecta (lunar) – o êxtase místico – que está simbolizado pela figura da mulher ajoelhada, que recebe a luz que irradia de fora e do alto, entregando-se a ela, e, na nossa leitura, encarnando a

As essências irreligadas do baixo, são simbolizadas pela figura do menino possuído, que é trazido aos nove Discípulos para ser curado, coisa que eles não lograrão fazer, porque se encontram em conflito entre si, ou pelo menos em desacordo, e participam dos problemas e receios da multidão que se apresenta no plano inferior, e que é, aliás, o mesmo deles.

Somente o menino possuído olha directamente, de baixo, a cena da transfiguração, e estabelece uma verdadeira conexão entre os dois mundos, como sugere a posição dos seus braços, aspecto que leva Abellio a postular que para a transfiguração se verificar, é necessário que um *curto-circuito* se produza entre as essências de baixo e as essências do alto.

Mas isto não é tudo, porque além de representar a *visão* da transfiguração do corpo de Jesus no corpo de Cristo – *Corpo Glorioso* – por meio da irradiação

⁹ « Trois niveaux : en haut, en état de lévitation, le « corps glorieux », Jésus entouré d'Elie et Moïse; au niveau intermédiaire, sur le plateau sommital de Thabor; les trois apôtres Pierre, Jean et Jacques, accroupis, aveuglés par la nuée éblouissante dont ils ne peuvent supporter la vue et tenant d'ailleurs leur main à hauteur des yeux pour s'en protéger. En bas, au pied du mont, les autres disciples et la foule, incapable elle aussi de regarder la nuée (certains, les yeux baissés. désignent seulement la lumière du doigt : ce sont des érudits, non des connaisseurs, ils ne savent que par oui-dire). Mais, dans le coin droit du tableau, une famille amène aux disciples un enfant possédé pour le faire exorciser par Jésus. Cet enfant est un personnage-clé du tableau. Son, visage est révolté. Mais seul il lève la tête et tient ses yeux ouverts sur la nuée éblouissante.

imagem da Igreja, ou melhor, a imagem da Igreja entendida como « Mãe », e desse ponto de vista, funcionando como pólo da imanência do mundo, imobilizada pela fé, recebendo, dobrada sobre os seus joelhos, a graça divina, através dos Apóstolos, para a guiar em direcção ao menino possuído, que não é, no fim, senão uma alegoria da humanidade sofredora, que a Igreja pretende socorrer.

Mas a Igreja representada « enquanto Mãe »¹⁰, não é a única Igreja representada no quadro, pois podemos ver aí também a representação de uma outra Igreja agitada pelo contacto directo com o Divino: os três Santos do plano mediano, que são secundados pela presença de duas testemunhas marginais¹¹ – dois devotos – que se vêem no plano de fundo, e que observam também directamente a cena da transfiguração, e estabelecem um segundo eixo de conexão entre o mundo da gnose, e o da mística, fazendo descer o fluxo da transfiguração em direcção ao mundo – a mulher – e funcionando como o pólo contrário em relação ao menino possuído, que canaliza o fluxo da assunção, enquanto aqueles, direccionam o fluxo da encarnação.

Então o que temos aqui, é uma restituição perfeita da genética e da dialéctica da *Estrutura Absoluta*, como presença e manifestação, em pessoa, do princípio fundamental da dupla transcendência, e mesmo da lógica da dupla contradição cruzada.

No plano do alto, polarizado pelo *Cristo* – o plano Divino – emerge a visão da transfiguração que congregando o todo, sofre uma elevação e uma purificação súbita e abissal anunciada pelos profetas, e presenciada (ou sofrida) pelos santos, que, no centro da cena, são investidos em companheiros pelo seu contacto com o Divino. No plano do baixo, polarizado pela *Mulher* – o plano Humano – manifesta-se o emaranhado dos conflitos e das aflições humanas, que não serão jamais curadas pela ciência e a razão, como nos é mostrado por meio do Apóstolo que pára de procurar, impotente, no seu livro, o remédio para curar o menino possuído.

Estes dois pólos formam uma cruz com as duas figuras que rodeiam Cristo: Elias e Moisés que são os únicos que participam sem qualquer problema, na cena da transfiguração. Dir-se-ia que o primeiro personifica a visão – o órgão do sentido profético – registado nas Escrituras (as mesmas Escrituras que Elias segura

Nous verrons qu'il symbolise la présence nécessaire, dans tout phénomène de transfiguration, des essences du bas, les plus basses, les moins reliées, les moins intégrées. Dans ce tableau inspiré, où le bas est non moins significatif que le haut, mais ne l'est que par lui, Raphaël pose la transfiguration comme un court-circuit fulgurant entre les essences du haut et les essences du bas. » Vide, ABELLIO; Raymond, *Fondements d'Esthétique*, In, LOMBARD, Jean-Pierre, (dir.) *Cahiers de L'Herne*, n° 36, Éditions de l'Herne, Paris, 1979, p. 147. :

¹⁰ Podia tentar ver-se aqui, também, uma manifestação da ideia abelliana de que a « Trindade » não se encontra perfeitamente constituída, porque à Triade *Pai, Filho e Espírito Santo*, faltaria a figura da *Mãe* (entendida como par do Pai). Mas, na nossa leitura, a Mãe está também presente, por intermédio da figura da Igreja que se concebe a si própria como Casa de Deus, encarnando assim a figura imaculada da « Mulher-Mãe »

¹¹ Segundo algumas descrições tratar-se-ia de S. Agapit e de S. Félix.

firmemente com as mãos), e que o segundo personifica o corpo – o lugar de assimilação desse mesmo sentido – corpo esse que é simbolizado pelas *Tábuas da Lei*, (as mesmas que Moisés segura com firmeza contra o corpo) que são afinal a encarnação da Palavra de Deus.

De acordo com a lógica da dupla contradição cruzada, poder-se-ia tentar interpretar (ou iluminar) o sentido do quadro, da forma que se segue.

Erguendo-se acima do Mundo (aqui simbolizado pela Mulher), a imagem de Jesus Transfigurado « roda » na direcção de Elias que recebe e reconhece a presença Divina, graças à visão profética. Em seguida, esta iluminação gnóstica é assimilada pelo corpo transcendental de uma vida transcendente, e torna-se corpo doutrinal, ao encarnar-se nas Tábuas da Lei. No fim, esse instrumento de governo Divino sofre uma nova rotação em direcção ao mundo, e fecunda uma comunidade que não é mais apenas judaica, ao constituir uma *Nova Aliança* estabelecida pela Igreja: *a Igreja Mãe* que forma um par com *Deus Pai*, este último representado pela Voz que ecoa sobre o Monte Tabor, tal como se descreve no Evangelho de S. Marcos:

A seguir apareceu uma nuvem e os envolveu, e dela saiu uma voz: “*Este é o meu Filho amado. Ouçam a ele!*”¹²

Como tal, existe um crescimento em modo de extensão e em modo de intensidade. Crescimento em modo de extensão, porque a mensagem doutrinal visa agora a comunidade universal dos « pobres de espírito », sem distinções tribais ou territoriais. Crescimento também em modo de intensidade, porque a doutrina doravante não será mais uma teologia apenas uraniana, emanada de Deus Pai, mas antes torna-se une teogonia do Filho, o que quer dizer, no fim, que o Filho do Homem se torna mais chegado a Deus.

Por este quadro, manifesta-se uma teologia e uma cosmogonia que se acordam perfeitamente. Importa recordar que Raffaello Sanzio da Urbino faleceu em 1520, deixando este quadro inacabado. Ora, justamente, 1520 é o ano que conhecerá a excomunhão de Lutero, e marca o verdadeiro início da Reforma, três anos após a fixação das 95 teses contra as indulgências à porta da Catedral de Wittenberg: uma acção isolada que não desempenha senão um papel simbólico, como manifestação intencional, já que a definição de uma doutrina contra-católica não se produzirá senão a seguir à escrita das três principais obras de Lutero, publicadas, justamente no ano charneira de 1520.

Então, o que se vê representado neste quadro, é a tradução artística do verdadeiro Ponto Ómega do Cristianismo Romano Católico.

Daqui em diante, o Ocidente não conhecerá mais um equilíbrio tão perfeito entre visão gnóstica e êxtase místico: um equilíbrio que serve para coroar e encerrar, eideticamente, sobre si mesma, a dogmática e a teologia medieval.

¹² Evangelho de S. Marcos, IX-7

O que se produzirá em seguida é a formação da História Moderna, marcada pela dominação crescente da razão e da ciência experimental, incarnada pelos humanistas, matemáticos e, enfim, os cosmógrafos, e disseminada pela tipografia.

É, justamente, no 2º quartel do séc. XX, que se verifica, segundo Abellio, o fim deste ciclo, com o fascismo e o niilismo a representarem o máximo da potência de fascinação, pois não será por acaso, como observa o autor, que a palavra fascismo tenha tão grandes semelhanças fonéticas e etimológicas, com a palavra fascinação.

Acontece, porém, que o fascismo foi vencido, mas não a fascinação. Ontem, a fascinação concentrava-se no Chefe : « o chefe guerreiro » ou « o chefe comunista », segundo Abellio. Um Génio que se elevava sobre as massas, com o objectivo de as reprimir, no primeiro caso, ou com o objectivo de as agitar, no segundo. Hoje, contudo, a fascinação não passa de espectáculo: o espectáculo das próprias massas irreligadas, ou talvez melhor, o espectáculo amorfo de uma nova plebe.

Nesta linha de compreensão, nós encontramos-nos presentemente perante o domínio dos processos de fascinação. Dir-se-ia mesmo que nos estamos próximos do ponto máximo desse poder, senão mesmo aí verdadeiramente imergidos.

Aparentemente, não existem mais *Deus* nem *Mestre*, tal como clamava Bakunine. Mas, em contrapartida, jamais, como actualmente, o espírito libertário se apresentou tão escassamente vivido e partilhado.

O problema central enuncia-se então: perante a desordem da vida contemporânea, quais são os instrumentos e as chaves com as quais a consciência e a humanidade poderão contar, para continuar e mesmo aprofundar a trabalho da consciência, num tempo tão confuso como o que actualmente se apresenta a todos? E também, que espécie de « razão » poderá ajudar-nos a iluminar um tão tortuoso e obscuro caminho?

De novo torna-se instrutivo escutar com atenção o que diz Abellio :

Un fantôme hante depuis vingt-cinq siècles l'esprit des hommes, le fantôme de la connaissance. En tout temps et en tout lieux, depuis vingt-cinq siècles, les diverses communautés humaines, Églises, nations, et même sectes ou tribus, ont tenté de l'exorciser par les rites ou les codes de leur gouvernement : philosophes, sciences, religions, mythologies, pour en faire l'instrument zombique de leur pouvoir, et elles ont ainsi prétendu imposer du dehors à tous, indistinctement, leurs images de cette « connaissance » même, s'enrichir et survivre qu'au-dedans de l'homme seul.

Vingt-cinq siècles, avons-nous dit. C'est en effet au VI^e siècle avant notre ère, par une extraordinaire coïncidence dont nous aurons à dégager, dans l'histoire invisible, le sens et la portée, que naquirent presque ensemble, en des points fort éloignés les uns des autres, les divers « fondateurs » des civilisations de notre actuel cycle historique, Pythagore, Thalès, Zoroastre, le Bouddha, Confucius, Lao Tseu, et cela au moment même où le peuple juif, partant en captivité sur le chemin de Babylone sous le fouet plombé

des soldats, se préparait à forger, dans son exil, son identité culturelle et à devenir le levain d'un monothéisme qui se voulut aussitôt universel.

Nous avons de bonnes raisons de penser que ce cycle ainsi commencé doit durer environ quarante siècles. [...] De bonnes raisons également de croire que sa charnière et le début de son mouvement de renversement et de régénération se situent à la fin du XIX^e siècle, au moment où, simultanément, disparaît un géant nommé Nietzsche, dont le nom contient symboliquement le niet d'une négation globale, juste à la fin de cette nuit où il sombra, des hommes non moins géants que lui, Einstein, Husserl et quelques autres, dans l'aurore d'une réévaluation positive.

Un siècle se sera bientôt écoulé depuis la fin de Nietzsche et l'apparition des nouveaux « fondateurs »¹³.

Para Abellio, é Husserl que abre a passagem em direcção a um novo ciclo de regeneração, e não é por acaso que a publicação de *Pesquisas Lógicas*, em 1900, coincida com a morte de Nietzsche, pois este, segundo Abellio, simboliza a negação global do ciclo anterior.

E o que Husserl nos traz é a descoberta da *fenomenologia transcendental*, e através dela a ideia de construir, como ele gostava de dizer, uma comunidade gnóstica, projecto esse que constituía, para ele, o meio e o fim da conversão à fenomenologia transcendental, mas que se logrou, porque, justamente, foi neutralizada pelas armadilhas de uma época – o nazi-fascismo – onde os poderes de fascinação se encontravam na sua máxima potência.

Encarada dessa forma, a fenomenologia husserliana apresenta-se como uma verdadeira Anunciação equivalente à das profecias históricas: ela anuncia o advento do *Ego Transcendental* – o *Je* – constituindo esse advento o equivalente lógico e axiomático do advento de *Cristo* que se faz « carne humana », da mesma forma como o *Je* se constitui « ideia pura » no campo transcendental.

Reencontramos aqui a regra abelliana da « proporção »: *Cristo* está para o *homem*, assim como o *Je* está para a *consciência*, introduzindo aí um poder de transfiguração.

Daí, portanto, a ideia de Abellio, de que o século que justamente começa, possa ver aparecer novos fundadores. Os fundadores de uma *Nova Aliança*, agora do homem com o espírito, estabelecida pela mediação do *Ego Transcendental*.

Então, toda a atenção deveria ser dada aos acontecimentos não da História visível, centrada nas circunstâncias e nos processos da objectividade estritamente exterior, tomados a partir da descrição que deles faz uma ciência que se encontra ainda posta « em cativeiro » pelo campo das probabilidades mensuráveis e encaradas em modo de extensão, mas, contrariamente, deveria dar-se toda a atenção possível às visões eidéticas que preenchem de sentido comunal a intersubjectividade

¹³ ABELLIO, Raymond, *Manifeste de la Nouvelle Gnose*, Gallimard, 1987, Paris, pp.27-28

transcendental, e que constituem, no fim, o sinal e o signo da emergência perpétua do *Je* – ou do *Nous* – Transcendental.

Significa isto, enfim, examinar com toda a atenção o fenómeno artístico, pois é na arte, e pela arte, que se captam e se comunicam, da forma mais genuína, os acontecimentos da História mais-que-visível, pois a arte, como já disse Merleau-Ponty, é a visão do invisível.

E então isto conduz-nos à tremenda responsabilidade que é a de exercer o ofício de historiador da arte, na medida em que exercê-la é uma dificuldade crescente, perante a pressão crescente dos meios de fascinação, que em parte se confundem hoje, muitas vezes, com os próprios meios e processos de uma comunicação que por ser global, tende a funcionar cada vez mais, exclusivamente, em modo de extensão.

De resto, tanto as obras de arte que hoje se produzem, como as visões eidéticas que veladamente as habitam, não se apresentam revestidas de aspectos conhecidos ou de signos exteriores previsíveis. Mas, por outro lado, as características e os aspectos que as distinguem e esclarecem são, no fim, imutáveis, e não são mais do que as mesmas que animam o Homem interior de que falava já S. Paulo e Stº Agostinho, e sobre cujo conhecimento pregou, nos finais da Idade Média, o dominicano Mestre Eckhart.

Por isso, é da maior importância promover a transfiguração da consciência racional, por intermédio do curto-circuito estabelecido pela corrente fenomenológica, que por certo se alcançará não somente pela visão, mas sobretudo, pela praxis, da *epoché*.

O mandamento « *l'epoché, il faut la vivre* », é por isso talvez o mais importante ensinamento abelliano.

Por ele, um programa infundável nos incita a promover a conversão gnóstica¹⁴ da Razão.

E a terminar, (pro)ponho algumas reflexões, relacionadas com a dialéctica da fascinação e da comunhão :

1. Importa não recusar ou esconjurar os mecanismos de fascinação, pois é pelo curto-circuito entre as polaridades da dialéctica « ligado *vs* irreligado », consideradas e cruzadas enquanto que coisas e estados de consciência, que a transfiguração se produz.
2. Importa não duvidar que os processos de fascinação e comunhão se revestem das formas e dos meios mais inesperados, tendo uma capacidade infundável de se metamorfosear, visto ser através do seu funcionamento lógico e do seu conteúdo intencional, que eles podem ser distinguidos uns dos outros.

¹⁴ Importa referir que a gnose de que fala Abellio não é a mesma gnose histórica do séc. II e III da nossa Era. Para Abellio, a gnose moderna é essencialmente o conhecimento (a meditação) sobre a Estrutura Absoluta.

3. Posto isto, é essencial prevenir-se contra a tentação de se deixar fascinar pelo pensamento abelliano, o qual, obviamente não escapa, como qualquer outro, a induzir efeitos de fascinação, desde logo junto dos seus adeptos, estudiosos ou praticantes, pois ele muitas vezes deixa-se encantar pela altura das suas análises, pela sua *verbe* por vezes grandiloquente e, importa reconhecê-lo, por um ressentimento pessoal, de resto compreensível.

Por isso, nós consideramos que o mérito maior – o génio mesmo – de Abellio reside na descoberta, no domínio e no conhecimento da *Estrutura Absoluta*, a qual constitui, importa não duvidar, uma verdadeira Gnose moderna. Seguramente a mais desenvolvida, que o Ocidente conheceu, depois do *Sistema* do idealismo hegeliano.

IIème Rencontre de Seix¹⁵
21 de Maio de 2005

Notas fim de capítulo

¹ *La Chute en Montagne*, In, **Raymond Abellio**, *La Structure Absolue*, Première Partie, *La Sphère Séniaire Universelle*

§ X. La succession intégrante des sénaires

Tout acte, qui est de structure séniaire, émerge d'une ancienne suite de sénaires et en fonde une nouvelle. Aussi l'unicité de tout « moment présent » ne peut-elle être évoquée que par une suite sphérique de trois sénaires correspondant à la vision, à la action et à l'art couronnant l'action et constituant une autre vision, ce triple séniaire représentant la structure la plus réduite et la plus générale de tout « quantum » de temps.

Je me promène en montagne et me tiens sur une pente enneigée assez abrupte d'où je contemple le paysage. Derrière moi un de mes camarades pousse un cri qui me surprend, je me retourne brusquement, et, ce faisant, je perds l'équilibre et tombe à la renverse. Tout de suite la pente m'entraîne, pieds en avant, et je glisse sur elle. Cet accident peut m'être fatal, car la pente se prolonge sur trente ou quarante mètres peut-être, toujours aussi raide, puis plonge dans un précipice. À ce moment, je suis envahi par ce qu'on appelle l'angoisse. La distinction entre l'angoisse et la peur est fondamentale. Elle l'est même tellement que nous aurons à lui consacrer de longs développements, où nous montrerons que peur et angoisse sont sphériquement associées. Contentons-nous de dire ici que l'angoisse se distingue de la peur en ce sens que l'angoisse est « inconsciente », qu'elle ne spécifie en tout cas nullement la situation particulière qui la fait naître et qu'elle inhibe l'action. Au contraire, la peur résulte de la soudaine prise de conscience de l'angoisse, et sa conséquence immédiate est l'activation des réflexes de fuite, de défense ou d'agressivité que l'angoisse avait inhibés, ce qui annonce immédiatement que nous aurons à considérer la peur comme l'intensification résolutoire de l'angoisse. Pour en revenir à ma chute, il est

¹⁵ Os *Encontros de Seix* são Colóquios organizados por Eric Coulon, que se realizam anualmente desde 2004, com o apoio da Mairie local, na aldeia natal da avó materna de Raymond Abellio, onde este passava as férias escolares, como refere nas suas *Memórias*. Estes Encontros servem de local de partilha entre um grupo de estudiosos do pensamento do autor, que se constituiu após a realização do Colóquio Internacional *Raymond Abellio Aujourd'hui*, organizado por Antoine Faivre e Jean-Baptiste de Foucauld, no Centro Internacional de Ceresy-la-Salle, entre 2 e 9 de Setembro de 2002.

clair qu'au début de celle-ci je ne suis plus qu'un corps inerte, une « chose » soumise à la pesanteur et pour ainsi dire fascinée par le vide qui l'« attend », un en-soi qui est ce qu'il est, simple paquet de chair et d'os sans âme, sans idée, sans conscience, un simple poids. Mon regard se brouille, mon ouïe aussi. Si cette chose que je suis devenu a poussé un cri en tombant, il faudra que mon camarade plus tard me l'apprenne. (Moi) je n'en sais rien. Par un mouvement inverse de celui qui dresse le Je transcendantal hors du monde, ici c'est le monde qui met mon moi entre parenthèses. Pour mon « moi » habituel, je suis dans ce « monde » comme fut dans le ventre de ma mère le fœtus que j'ai été et qui pour ce « moi » n'avait pas de « moi » avec lequel le mien pût connaître. Allongé sur la pente, les pieds en avant, je descends donc, au dire des témoins, très vite et même de plus en plus vite. A ce moment, que suis-je? Je ne suis qu'un chaos. Je ne suis que ce cœur douloureux et bondissant qui bat d'un mouvement désordonné et précipité dans ma poitrine. C'est ce cœur qui est « moi » tout entier et mon « je » est tout entier dans sa conscience (de) cœur, une conscience non positionnelle de soi dont je me rendrai compte plus tard par un vague souvenir, ou même seulement par simple analogie, qu'elle s'était tout entière réfugiée là, comme si ce mouvement était encore (ou déjà) le seul qui restât (ou pût devenir) en partie autonome dans ce grand mouvement de chute où je me trouvais emporté et prisonnier. Et, en effet, plus tard, je me rendrai compte que ce mouvement de mon cœur était le seul où pouvait encore (ou déjà) se réfugier mon résidu de liberté, comme si, inversement, en temps normal, le battement « régulier » de ce même cœur était le signe et le produit de l'ordre et de l'adéquation où je suis pris en tant qu'être libre dans un monde libre mais adapté à ce monde. Brusquement, je sens que mes pieds et mon dos freinent dans la neige. J'étais un cœur, je deviens aussi un dos et des pieds. Quelque chose se re-stabilise en moi ou plutôt écarte et fait s'effacer ces parenthèses qui tenaient jusque-là enfermé le (moi). C'est la conscience positionnelle de mes pieds et de mon dos et immédiatement ma conscience tout entière qui se fait positionnelle de « moi », sinon de soi. Que s'est-il passé ? Comment cette conscience me revient-elle? Lorsque mon corps, en glissant, a atteint une certaine vitesse, son frottement sur la neige a fini par compenser l'accélération de ma chute. A ce moment, ma vitesse de chute, au lieu d'être croissante, est devenue uniforme. Aussitôt, je me vois. La fâcheuse position émerge devant moi tout entière. J'ai déjà parcouru dix mètres, vingt peut-être, je ne sais. C'est à ce moment précis qu'ayant, retrouvé l'usage de mon corps, mon angoisse se fait peur et tous mes réflexes agissants, tous mes pouvoirs d'action semblent s'éveiller d'un coup. Je sais en effet qu'il faut que je freine et je sais comment freiner. Je n'ai même pas à délibérer pour essayer d'enfoncer désespérément mes talons dans la neige et pour m'arc-bouter contre eux. Cette vision est claire et certaine. J'en suis le maître absolu. Mais suis-je le maître de sa réalisation? La couche de neige est-elle assez profonde pour servir de point d'appui à cet arc-boutement, ne vais-je pas, au contraire, sous sa mince pellicule, rencontrer un fond de glace sur lequel mes talons frapperont en vain? Et même si la couche de neige est assez profonde, sera-t-elle justement assez consistante, sans, comme cette glace, l'être trop? La pente n'est-elle pas décidément trop forte et, au lieu de m'y bloquer, mon freinage ne va-t-il pas au contraire me faire culbuter, me priver de l'appui de ce frottement qui peut me sauver, cette culbute venant alors me remettre en face de la situation originelle, mais cette fois trente mètres plus bas, c'est-à-dire, sans recours ? C'est toute cette problématique qui, en rendant contingents tous mes possibles, fait bouger devant ma peur une nouvelle angoisse éventuelle et constitue ainsi ma peur en angoisse de l'angoisse, dans le schéma sphérique habituel. Et l'angoisse fut effectivement présente avant ma peur, mais elle Je présentifie aussi dans ma peur comme pouvant sur-venir après elle. L'association peur-angoisse est donc bien saine. La présentification permanente de l'angoisse sous la peur présente et actuelle tient ainsi à mon asservissement résiduel aux choses, et cet asservissement sera perpétuel puisqu'il y aura toujours des « régions » du monde dont mon corps ne sera pas le maître et des situations qui pourront me faire « perdre la tête ». Aussi ma peur intensifie-t-elle mes réflexes et mes pouvoirs sur le monde dans la mesure même où, en tant qu'angoisse de l'angoisse, elle connaît comme de plus en plus angoissante l'angoisse éventuelle pouvant résulter de son échec de peur. Effectivement la peur déclenche mon vouloir mais s'angoisse devant mon pouvoir. Elle est maîtresse de ma vision de l'acte, non de l'acte lui-même. Elle ne se demande pas : vais-je savoir freiner mais vais-je pouvoir! Elle connaît ses chances, mais elle ignore si elle ne va pas les gaspiller. Elle sait que son pouvoir qui n'est fait à ce moment que de sa science eidétique de former les notions et, les gestes

du freinage et de l'arrêt « en général » science qui soutient elle-même son projet, a besoin de saisir à son tour par en dessous une science plus intégrante, faite de toute l'élucidation à venir, mais urgente, des inconnues du monde nouveau où la première est éprouvée. Mais, je n'ai certes pas à me poser en clair, dans l'instant, ces problèmes qui sont ceux du phénoménologue (constituant) la situation. Pour moi, j'enfonce désespérément mes talons dans la neige, mes genoux plient mais tiennent bon, je glisse encore un peu dans un grand poudroisement et je m'arrête enfin au bord du gouffre : il était temps.

In, ABELLIO, Raymond, *La Structure Absolue. Essai de Phénoménologie Génétique*, Gallimard, 1965, Paris, pp. 143-145

² **Evangelho de S. Marcos**

Capítulo 9

1

E lhes disse: “Garanto-lhes que alguns dos que aqui estão de modo nenhum experimentarão a morte, antes de verem o Reino de Deus vindo com poder”.

2

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os levou a um alto monte, onde ficaram a sós. Ali ele foi transfigurado diante deles.

3

Suas roupas se tornaram de um branco resplandecente, como nenhum lavandeiro no mundo seria capaz de branqueá-las.

4

E apareceram diante deles Elias e Moisés, os quais conversavam com Jesus.

5

Então Pedro disse a Jesus: “Mestre,* é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias”.

6

(Ele não sabia o que dizer, pois estavam apavorados.)

7

A seguir apareceu uma nuvem e os envolveu, e dela saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado. Ouçam a ele!”

8

Repentinamente, quando olharam ao redor, não viram mais ninguém consigo, a não ser Jesus.

9

Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do homem tivesse ressuscitado dos mortos.

10

Eles guardaram o assunto apenas entre si, discutindo o que significaria “ressuscitar dos mortos”.

11

E lhe perguntaram: “Por que os mestres da lei dizem que é necessário que Elias venha primeiro?”

12

Jesus respondeu: “De fato, Elias vem primeiro e restaura todas as coisas. Então, por que está escrito que é necessário que o Filho do homem sofra muito e seja rejeitado com desprezo?”

13

Mas eu lhes digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como está escrito a seu respeito”.

14

Quando chegaram onde estavam os outros discípulos, viram uma grande multidão ao redor deles e os mestres da lei discutindo com eles.

15

Logo que todo o povo viu Jesus, ficou muito surpreso e correu para saudá-lo.

16

Perguntou Jesus: “O que vocês estão discutindo?”

17

Um homem, no meio da multidão, respondeu: “Mestre, eu te trouxe o meu filho, que está com um espírito que o impede de falar.

18

Onde quer que o apanhe, joga-o no chão. Ele espuma pela boca, range os dentes e fica rígido. Pedi aos teus discípulos que expulsassem o espírito, mas eles não conseguiram”.

19

Respondeu Jesus: “O geração incrédula, por quanto tempo estarei com vocês? Por quanto tempo terei de suportá-los? Tragam-me o menino”.

20

Então, eles o trouxeram. Quando o espírito viu Jesus, imediatamente causou uma convulsão no menino. Este caiu no chão e começou a rolar, espumando pela boca.

21

Jesus perguntou ao pai do menino: “Há quanto tempo ele está assim?” “Desde a infância”, respondeu ele.

22

“Muitas vezes o tem lançado no fogo e na água para matá-lo. Mas se podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos”.

23

“Se podes?”, disse Jesus. “Tudo é possível àquele que crê”.

24

Imediatamente o pai do menino exclamou: “Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!”

25

Quando Jesus viu que uma multidão estava se ajuntando, repreendeu o espírito imundo,* dizendo: “Espíritos mudo e surdo, eu ordeno que o deixe e nunca mais entre nele”.

26

O espírito gritou, agitou-o violentamente e saiu. O menino ficou como morto, a ponto de muitos dizerem: “Ele morreu”.

27

Mas Jesus tomou-o pela mão e o levantou, e ele ficou em pé.

28

Depois de Jesus ter entrado em casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: “Por que não conseguimos expulsá-lo?”

29

Ele respondeu: “Essa espécie só sai pela oração e jejum”.*

30

Eles saíram daquele lugar e atravessaram a Galiléia. Jesus não queria que ninguém soubesse onde eles estavam,

31

porque estava ensinando os seus discípulos. E lhes dizia: “O Filho do homem está para ser entregue às mãos dos homens. Eles o matarão, e depois de três dias ele ressuscitará”.

32

Mas eles não entendiam o que ele queria dizer e tinham receio de perguntar-lhe.

33

E chegaram a Cafarnaum. Quando ele estava em casa, perguntou-lhes: “O que vocês estavam discutindo no caminho?”

34

Mas eles guardaram silêncio, porque no caminho haviam discutido sobre quem era o maior.

35

Assentando-se, Jesus chamou os Doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos”.

36

E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles. Pegando-a nos braços, disse-lhes:

37

“Quem recebe uma destas crianças em meu nome, recebe a mim; e quem me recebe, não recebe a mim, mas àquele que me enviou”.

38

“Mestre”, disse João, “vimos um homem expulsando demônios em teu nome e procuramos impedi-lo, porque ele não era um dos nossos”.

39

“Não o impeçam”, disse Jesus. “Ninguém que faça um milagre em meu nome, pode falar mal de mim logo em seguida,

40

pois quem não é contra nós está a nosso favor.

41

Eu lhes digo a verdade: Quem lhes der um copo de água em meu nome, por vocês pertencerem a Cristo, com certeza não perderá a sua recompensa”.

42

“Se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, seria melhor que fosse lançado no mar com uma grande pedra amarrada no pescoço.

43

Se a sua mão o fizer tropeçar, corte-a. ‘E melhor entrar na vida mutilado do que, tendo as duas mãos, ir para o inferno, onde o fogo nunca se apaga.’*

45

E se o seu pé o fizer tropeçar, corte-o. ‘E melhor entrar na vida aleijado do que, tendo os dois pés, ser lançado no inferno.’*

47

E se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o. ‘E melhor entrar no Reino de Deus com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno,

48

onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.’*

49

Cada um será salgado com fogo.

50

“O sal é bom, mas se deixar de ser salgado, como restaurar o seu sabor? Tenham sal em vocês mesmos e vivam em paz uns com os outros”